

Folha de fragmentos

Cris Ambrosio e Antônio Ewbank

[B.] “Querido, você não é um químico, senão saberia, que por uma genuína mescla nasce um terceiro, que é ambos ao mesmo tempo, e mais que ambos sozinho” (Novalis).

[A.] A mistura de sulfato de cobre, cal e água é tradicionalmente utilizada contra a ferrugem na cultura das uvas. Aqui, contra as folhas de jornal, a pedra-azul produz variações verde-gris.

[C.] Esse vitríolo azul-água dá um quê aquático às massas de papel. Através do vidro na sala oposta, o rosa elétrico ressalta o contraste, via a resina que protege a madeira da umidade quando largada à própria sorte. Escala de cor técnica-industrial que conversa entre si sobre os novos objetos que agora constituem, seus usos passados, as moradas antigas e novas.

[A.] O nome próprio de um lugar é incontornável. Uma vitrine translúcida se parece com um aquário. Do mesmo modo, uma sala cortada ao meio por um pano de alvenaria inspira atitudes simétricas.

[C.] Os nomes das salas, dos lugares, dos trabalhos, dos objetos, o meu e o seu, todas as palavras que permeiam a realidade se contaminam e se tingem, mutuamente. Nomes desembocam em outras ideias, outros nomes. Veja a palavra *estado*, por toda parte, mesmo sem estar escrita. O estado de coisas como um conjunto de objetos correlatos e encadeados, como elos de uma corrente, o cúmulo da abstração, que se volta à realidade, aos fatos. O estado físico dos materiais em interação e alteração ao longo do tempo, espaço e ação. Os estados-nação, as diferenças, semelhanças e atritos que daí surgem. Tais estados multiformes estão nas salas, no entre e além.

[A.] Coincidência do aqui com além-mar, ontem e hoje: os muitos 25 de abris. Nem toda flor viaja bem, mas os cravos vermelhos são resilientes.

[C.] Desde 1974. Deslocamentos de uma cidade, cultura, função, de um país a outro. O mesmo, seja o que for, submetido ao passar dos dias ou das distâncias, acumula a memória do deslocamento. A lembrança faz com que se exista ao mesmo tempo em outro lugar. Não sei bem quais são os nossos cravos, nossa Grândola. Aqui não aconteceu dessa forma. Por isso, aceito de bom grado que essa memória se ramifique, e seja também um pouco nossa.

[A.] Na mala de viagem, trajes de linho e papel, nem pinturas, nem esculturas.

[C.] Ainda assim, constantes gestos conscientes das pinturas e esculturas, em uma linguagem diferente, mas familiar. A madeira em diversos arranjos moleculares, traduzida para páginas recicladas dos jornais de Leiria, chassis, cavaletes públicos, tapumes de obras, nos galhos de árvores abaladas por uma tempestade recente, abrem espaço para a luz, tão fundamental na pintura. As massas de cor elevadas, expondo o entorno, dentro e fora, são também termos da língua escultórica; outro que vem à mente é o molde. A moldagem é a função mental da memória.

[A.] Nas duas quadrículas sobrepostas, as diferenças de tamanho evidenciam a distância entre os espaços de origem e destino. Aquelas moldadas são portas de saída tanto quanto os bueiros; do outro lado do espelho, as medidas a olho quase batem.

[C.] Sobre o chão, o movimento. De um instante no meio da ação, isolado como ponto na reta, como tantos quadros por segundo em um filme, imagina-se um passo para frente ou qualquer direção. Uma ação sugerida, de mobilidade estática. Sobre o plinto ou base, um corpo em contraposto, torcido, balanceado. Ao menos um pé levantado (a depender do corpo, existem vários).

[A.] Os flamingos pernaltas exibem suas penas de voo pretas.